

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO PROPOSTA DE LETRAMENTO

Autor: Edito Romão da Silva Júnior
Co-autor: Edilma de Lucena Catanduba

*Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades – Campus III
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS
profletraschuepb@gmail.com*

LINGUISTIC VARIATION AS A LITERACY PROPOSAL

RESUMO: Pesquisas voltadas para as práticas de ensino de língua materna mostram que, apesar dos avanços na área das ciências da linguagem, as aulas de português ainda continuam centradas na linguística de vertente estrutural, em quaisquer dos níveis da língua, fonético, morfológico, semântico e sintático. Nessa linha de pensamento, os professores impõem aos alunos longos exercícios de análise formal, especialmente da organização sintática. Os aspectos sócio-comunicativos da língua são deixados de lado. Assim, a reflexão que fazemos nesse trabalho objetiva apresentar uma proposta de ensino de língua voltada para o caráter sociointeracional da linguagem, ou seja, para o deslocamento do foco da análise tradicional para o lugar do funcionamento da língua viva, para os usos que dela fazem os sujeitos sociais cujas práticas discursivas são dialogicamente produzidas. Nessa perspectiva, apoiamos-nos em estudos de Travaglia (2001) que discute a variação linguística e de Marcuschi (2007) que aponta para a relação entre fala e escrita.

Palavras-chave: Ensino Tradicional, Variação Linguística, Letramento.

ABSTRACT: Some researches focused on mother-tongue teaching practice shows that, despite advances in language sciences, Portuguese classes are still centred on the structural linguistics of the language, at all levels of language, phonetic, morphological, semantic and syntactic. Along this line of thinking, teachers impose on students long exercises in formal analysis, especially in the syntactic organization. The socio-communicative aspects of the language are left out. So, the reflection we make in this work has the objective of presenting a language teaching proposal focused on the sociointerational character of language, that is, for shifting the focus from the traditional analysis to the place of the functioning of the living language, to the uses made of it by social subjects whose discursive practices are dialogically produced. In this perspective, we are based on studies by Travaglia (2001) which discusses the linguistic variation and Marcuschi (2007) which points to the relation between speaking and writing.

Key words: Traditional teaching, linguistic variation, literacy.

1 INTRODUÇÃO

Diante das frequentes reclamações por parte dos alunos de não saber português ou de acharem a disciplina muito difícil, resolvemos lançar o olhar sobre os aspectos que norteiam as práticas de ensino de língua materna. Assim, em rápida incursão, constatamos que, apesar de haver diversos estudos na área das ciências da linguagem, as aulas desse componente curricular, ainda são, em sua grande maioria, voltadas para a linguística de cunho estrutural. Em outras palavras, os aprendizes são obrigados a decorar regras gramaticais que, na maioria das vezes, não fazem nenhum sentido para realidade comunicativa dos mesmos.

Assim, no caminho em busca de uma alternativa que fuja ao prescritivismo, fomos buscar, à luz de Bagno (2004) e Travaglia (2001), as variações linguísticas. Estas podem ser: territoriais, sociais, relacionadas à idade, ao sexo, à dimensão histórica, de grau de formalismo, de sintonia e de tecnicidade. Algumas delas serão elucidativas para a proposta sóciointeracionista discutida aqui.

Desse modo, em uma opção centrada em uma perspectiva mais discursiva e menos estruturalista que fosse, portanto, de cunho mais investigativo e menos prescritivo, ou seja, que traga para a sala de aula uma verdadeira reflexão sobre as formas reais de uso da língua portuguesa. Lançamos a proposta de, através do gênero placas de anúncios, fazer uma pesquisa de ordem etnográfica, buscando o resgate do lugar de produção, dos produtores, da elaboração e da recepção desses artefatos, para através de toda essa análise, propiciar um letramento mais significativo para todos os envolvidos no processo real de ensino/aprendizagem.

2 COMO CAMINHA O ENSINO DE PORTUGUÊS

Apesar de vários estudos direcionados ao ensino de língua materna, a prática de sala de aula não tem sido modificada e preserva metodologias tradicionais, muitas vezes, preconceituosas que atrapalham a formação de cidadãos conscientes, capazes de, através dos conhecimentos adquiridos durante os anos de escola, atuarem de forma substancial na transformação da realidade brasileira tão cheia de desigualdades sociais. Dessa forma, defendemos um trabalho de letramento voltado para a conquista de uma autonomia que se inicia através do uso da linguagem.

Para tal empreendimento é de fundamental importância a adoção de um olhar crítico sobre o ensino de gramática, não com o objetivo de aboli-lo, mas de modificá-lo a fim de torná-lo mais significativo para todos os envolvidos no processo educacional.

Assim, na procura por um método que vise a certo grau de eficiência, buscamos algumas contribuições da Linguística e da Pedagogia. Estudos desenvolvidos por estas ciências nos nortearão o entendimento de como uma determinada variedade ganhou “status” social e passou a ser prescrita como padrão de linguagem.

A partir desse processo, os outros falares foram estigmatizados, lançados para longe da escolarização, conseqüentemente das investigações que poderiam tornar o ensino de língua materna mais próximo da maioria dos alunos, pois seria menos prescritivo e mais investigativo, processo que explicaria diversos fenômenos linguísticos que ocorrem no interior do idioma, o que provocaria uma verdadeira reflexão sobre a língua, em vez da memorização mecânica de uma série de regras que não fazem muito sentido para os alunos.

Assim, uma metodologia que fuja ao tradicionalismo deve trazer para o cerne do ensino o respeito ao plurilinguismo, que será possível através do estudo das variedades linguísticas que nos deteremos a seguir como uma alternativa para uma intervenção mais expressiva nas aulas de língua nativa.

3 POR UMA PRÁTICA MAIS SIGNIFICATIVA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO

Durante muito tempo os estudos da linguagem acreditaram que as línguas eram homogêneas, contudo não é preciso uma observação muito ampla para percebermos o grau de variabilidade e diversidade de um idioma, apesar de uma análise simples comprovar tal afirmação, na escola ainda há a crença e, conseqüentemente, a prática educativa voltada para a ideia de que o português é falado sempre da mesma forma ou que pelo menos deveria ser.

Essa concepção, conforme foi mencionado anteriormente, dirige um ensino que traga para o ambiente educacional a riqueza da diversidade cultural manifestada através dessas mudanças que podem ser: dialetais – estabelecidas de acordo com quem usa a língua, o emissor; e de registros – variações ocorridas de acordo com o receptor, que irá receber a mensagem ou de acordo com a situação. Para que entendamos ainda melhor esse fenômeno, vejamos mais definições e alguns exemplos:

À luz de Travaglia (2001), as variedades dialetais dividem-se em territoriais, sociais, relacionadas à idade e ao sexo ou à dimensão histórica. A primeira citada diz respeito as pessoas de diferentes regiões que por receberem influências distintas em suas formações, por estarem isoladas linguisticamente de outras variedades, ou ainda por não aceitarem as influências de tais, apresentam formas díspares de se comunicar. Apesar do modo estereotipado, percebemos no texto adiante um exemplo do mencionado aqui.

Quadro 1 – Tipos de assaltantes

- Assaltante nordestino: — Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu to com uma fome da moléstia...
- Assaltante mineiro: — Ô sô, prestenção... Isso é um assarto, uai... Levanta os braço e fica quetim quesse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai?
- Assaltante gaúcho: — Ô, guri, ficas atento... Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a La cria, senão o quarenta e quatro fala.
- Assaltante carioca: — Seguinte, bicho... Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanto os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu tiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...
- Assaltante baiano: — Ô, meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa) Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa) Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa) Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho! (longa pausa) Vou deixar teus documentos na encruzilhada...
- Assaltante paulista: — Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta para comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...
(Autor desconhecido – Texto circulando na internet)

Fonte: Brainly (2018)

Em países com grandes desigualdades sociais como o nosso, teremos uma parcela da população com mais tempo de acesso à escola e aos bens culturais; do outro lado, uma massa a quem esses artefatos culturais são, de alguma forma, negados. Tal fator gera uma variedade que nos permite diferenciar uma classe de outra, estigmatizando aquela mais distante da variante formal.

Nesse sentido, o trabalho com aspectos ideológicos que perpassam a linguagem são um excelente instrumento para se discutir como a língua pode agir como uma ferramenta de exclusão e preconceito.

Ainda de acordo com as variedades dialetais, temos as diferenças no modo de utilizar o idioma decorrentes da faixa etária e do sexo. Outro trabalho imprescindível no processo de letramento é aquele que tange ao discurso de empoderamento feminino, este vem sendo discutido por muitos estudiosos da Antropologia e das ciências da Linguagem com o nome de literatura de resistência. Todavia ainda não constitui o interesse central do presente artigo.

Por fim, temos as mudanças ocorridas ao longo do tempo, chamadas de variação histórica. Estas podem ocorrer no plano fonético, semântico, morfológico, lexicais ou sintáticos. A seguir um exemplo do mencionado aqui que figurou como questão do Enem 2007:

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas (...)

Carlos Drummond de Andrade. **Poesia completa e prosa.**

Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1.184.

O texto acima está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

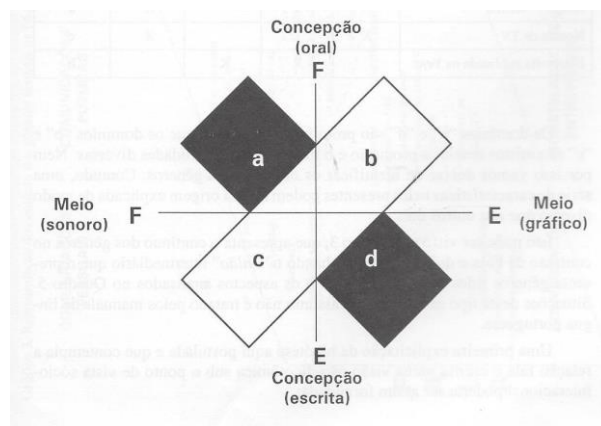
Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes (...)

Fonte: Enem (2018)

Ao se passar das subdivisões da variedade dialetal para as variações de registro, temos o grau de formalismo que nos permite entender que os textos podem ser produzidos na modalidade formal, caso isso ocorra, apresentaram um cuidado maior com as normas ditadas pela gramática tradicional, em oposição a um texto escrito na modalidade informal. É interessante frisar aqui que tanto a língua escrita quanto a língua falada podem apresentar graus de formalidade ou informalidade, conforme nos esclarece Marcuschi (2007) nos quadros 1 e 2, a seguir:

Quadro 1 – Variações Fala e escrita 1



Fonte: Da Fala para e Escrita: atividades de retextualização (2007)

Quadro 2 - Variações Fala e escrita 2

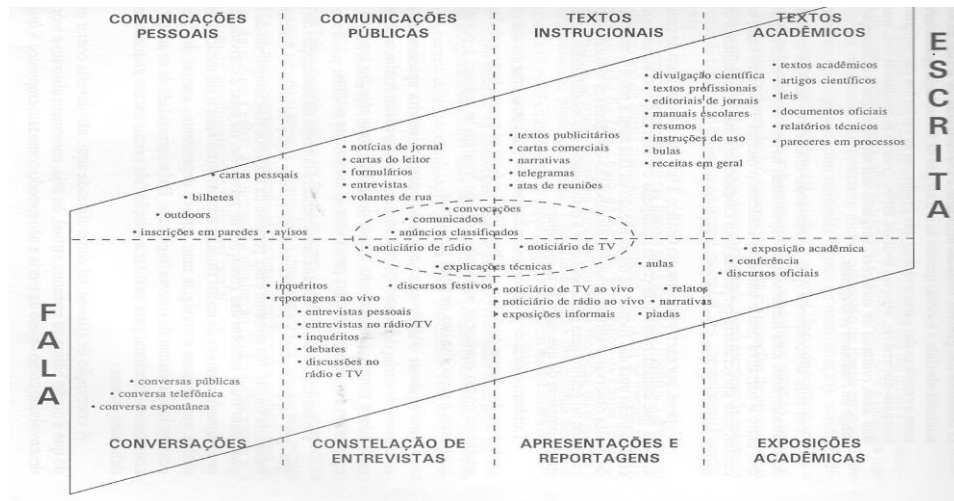
Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversação espontânea	X		X		a
Artigo científico		X		X	d
Notícia de TV	X			X	c
Entrevista publicada na <i>Veja</i>		X	X		b

Fonte: Da Fala para e Escrita: atividades de retextualização (2007)

O gráfico e a tabela expostos anteriormente são bastante elucidativos na quebra do paradigma que acreditava ser a linguagem escrita, formal e a linguagem oral, informal.

Marcuschi (2007) nos esclarece ainda que é possível traçar o intercurso das variações entre oralidade e escrita no tangente aos gêneros textuais discursivos. Conforme quadro 3:

Quadro 3: Intercurso fala e escrita

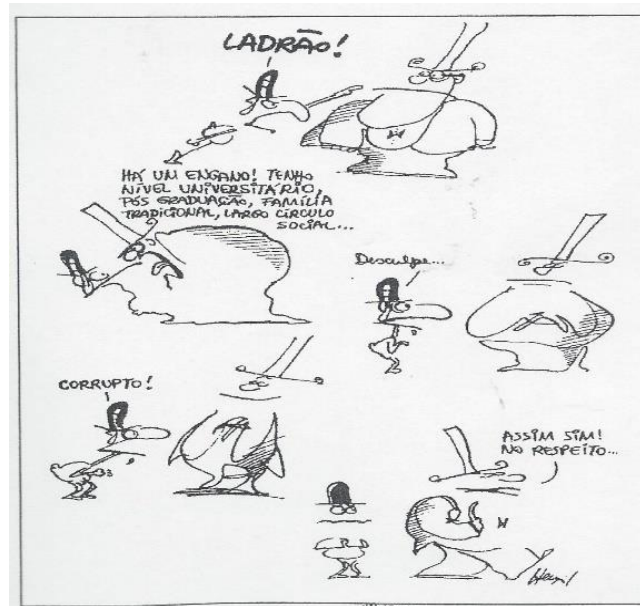


Fonte: Da Fala para e Escrita: atividades de retextualização (2007)

Vale ressaltarmos que os discursos orais e escritos exigem estratégias de produção diferentes, uma vez que, o primeiro conta com recursos fonológicos como entonação, ênfase, truncamentos, hesitações, retomadas e correções. Mesmo com a realidade das redes sociais que aproximam cada vez mais elementos presentes anteriormente apenas na linguagem oral, ainda não temos a fusão total, pois, como demonstrado, há modos diferentes de articulá-los.

A sintonia, outro aspecto relevante da variação de registro, permite a adequação do discurso através da construção do outro a fim de uma maior aceitação e interação. Observa-se para tal o status, a tecnicidade, a cortesia e a norma. A seguir uma ilustração (figura 3) que exemplifica bem o elemento linguístico mencionado:

Figura 1: Exemplo de sintonia



Fonte: Português: gramática, literatura e produção de textos (2004)

Apesar do exagero, característica do gênero textual discursivo ilustrado, notamos que houve uma adequação devido ao status ocupado por um dos participantes. Assim a mudança vocabular, bem como a entonação tornou o proferido menos agressivo, mais cortês.

Por fim, a tecnicidade é o emprego de palavras de uma dada área do conhecimento. Ocorre quando o falante imagina que o ouvinte faz parte da mesma área técnica. Veja adiante alguns vocábulos que demonstram esse tipo de variação:

O Pulso

O pulso ainda pulsa
 O pulso ainda pulsa...
 Peste bubônica
 Câncer, pneumonia
 Raiva, rubéola
 Tuberculose e anemia
 Rancor, **cisticercose**
 Caxumba, difteria
Encefalite, faringite
 Gripe e leucemia...
 E o pulso ainda pulsa
 E o pulso ainda pulsa

Hepatite, **escarlatina**
 Estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo
 Esquizofrenia
 Úlcera, trombose
 Coqueluche, hipocondria
 Sífilis, ciúmes
 Asma, cleptomania...
 E o corpo ainda é pouco
 E o corpo ainda é pouco
 Assim...
 Reumatismo, raquitismo
Cistite, disritmia
 Hérnia, **pediculose**
 Tétano, hipocrisia
 Brucelose, febre tifoide
Arteriosclerose, miopia
 Catapora, culpa, cárie
 Cãibra, lepra, **afasia**...
 O pulso ainda pulsa
 E o corpo ainda é pouco
 Ainda pulsa
 Ainda é pouco
 Pulso
 Pulso
 Pulso
 Pulso
 Assim...

Compositores: Marcelo Fromer / Antonio Bellotto / Arnaldo Filho

Fonte: letras.mus (2018)

As palavras em destaque, no texto citado anteriormente, são um exemplo claro de variação profissional, visto que a população, por não fazer parte do grupo em que circulam esses vocábulos, desconhece o seu significado. A música conquistou na década de oitenta os amantes do *rock'n rol*, no entanto acreditamos que isso ocorreu bem mais pelo trabalho feito com a mensagem e pela sonoridade envolvente, do que pela apropriação dos sentidos decorrentes dos termos evidenciados.

Reafirmamos que o trabalho com as variedades linguísticas constitui uma excelente ferramenta de reflexão sobre a língua, pois traz para a sala de aula uma investigação interessante que foge do ensino tradicional e proporciona uma atividade mais significativa para os discentes do que decorar regras gramaticais.

4 NOS CAMINHOS DO LETRAMENTO

Ao admitirmos que o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa não tem sido eficaz, uma vez que através dos números oficiais divulgados pelo PNAD, não há avanços significativos na diminuição de analfabetos e de analfabetos funcionais e isentando o nosso trabalho das investigações político-sociais – que consideramos pertinentes, mas demasiadamente complexas para tratarmos. Focalizaremos aqui os métodos de ensino a fim de sugerir uma alternativa, dentre tantas possíveis, que quebre o alto grau de metalinguismo presente nas aulas de língua nativa.

Buscaremos, através do quadro das variações, uma observação real do idioma em situações de uso, pois cremos que essa reflexão trará mais uma pedra para construção do letramento dos sujeitos envolvidos nesse processo. Assim observem os **textos** que seguem:

Figura 2 - Exemplo 1



Fonte: janelaonline

Figura 3 – Exemplo 2



Fonte: janelaonline

Figura 4 – Exemplo 3



Fonte: janelaonline

Figura 5 – Exemplo 4



Fonte: janelaonline

As escolas, ao trabalharem esses textos, certamente os usaria unicamente para atividades de higienização, ou seja, corrigir os “erros” que os mesmos apresentam. No entanto, em uma proposta que vise a uma atividade mais significativa, sugerimos para os alunos uma verdadeira pesquisa etnográfica, buscando o lugar de produção (contexto); os envolvidos na elaboração e recepção desses artefatos; o papel e a intenção comunicativa; a força expressiva de tais gêneros textuais discursivos, além da linguagem utilizada à luz dos estudos feitos previamente sobre variação linguística.

Após a análise de todos esses fatores, decidir se será pertinente ou não o processo de passagem para a norma culta, visto que tal processo poderá ocasionar a perda da expressividade de tais anúncios. É sempre importante lembrar que nesse momento os alunos devem sentir-se protagonistas do processo de aprendizagem e o educador seja apenas um mediador entre os elementos estudados e os discentes. Caso os alunos resolvam fazer a transposição para o português padrão, haverá ainda um outro aspecto a ser observado, o grau de consciência fonológica desenvolvida por estes.

Notem como uma atividade simples do ponto de vista da estruturação didática, pois não requer grandes recursos tecnológicos, pode gerar um conhecimento mais sólido sobre a linguagem do que decorar sequências gramaticais, além de ser um processo de interação, negociação, socialização e reflexão que contribuirá para perceber o estudo de língua como algo vivo, propiciar um letramento que transpõe os muros da escola, ganha o mundo, mas encontra nela a sua base de fundamentação em uma corrente ininterrupta entre um e o outro como cremos que realmente deva ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variações linguísticas são a forma mais especial de demonstrar a riqueza e pluralidade cultural do nosso país. Em virtude delas, expressamos os diversos contextos sociais. Não há, dessa forma, como fugir nem muito menos desconsiderá-las, pois, cotidianamente, ela nos encontra, em sala de aula, na fala de nossos alunos.

Vale, pois, muito a pena colocá-la como foco da investigação de todos. Uma vez que, como já mencionado anteriormente, além de proporcionar uma experiência viva com o idioma, ainda será um campo propício para se discutir o preconceito linguístico que em momentos como este de atribuições sociais, fica ainda mais forte.

A proposta de intervenção oferecida, no presente trabalho, tem a modesta pretensão de ser apenas uma dentre tantas alternativas possíveis para o ensino de língua materna. O nosso objetivo não é abolir, contudo, o ensino da norma, mas tirá-lo do prescritivismo que, tornamos a repetir, não se mostra eficiente – pelo menos, não para a maioria.

Assim, diante da realidade das escolas brasileiras, procuramos sugerir algo que trouxesse uma prática real de letramento sem, no entanto, requerer grandes recursos didáticos ou tecnológicos, pois a cada dia cremos mais na ideia de que a simplicidade, unida a boa vontade de executar formas mais efetivas de “letrar” é que trarão resultados diferentes dos tristes dados atuais.

REFERÊNCIAS

BAGNO. Marcos. **A Língua de Eulália**: Novela sociolinguística. São Paulo: Loyola, 1997.

___ **o Preconceito Linguístico**: O que é, como se faz. 4 ed. São Paulo: Parábola, 1999.

___ **o Português ou Brasileiro**: Um convite à pesquisa. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BRAINLY. Disponível em <https://brainly.com.br/tarefa/9467279>. Acesso em 22/05/2018.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Enem. http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2007/2007_amarela.pdf. Acesso em 22/05/2018.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** Em três artigos que se completam. 42 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JANELAONLINE. <http://www.janelaonline.com.br/tag/placas-com-erros/com.br/tag/placas-com-erros>. Acesso em 15/05/2018.

LETRAS.MUS. <https://www.lettras.mus.br/titas/48989/>. Acesso em 15/05/2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita:** atividades de Retextualização. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola.** São Paulo: Contexto. 1999.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) Ensinar Gramática na Escola.** Campinas-SP: ALB / Mercado das Letras. 2004.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português:** Literatura, Gramática e Produção de textos. São Paulo: Moderna. 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.